

CECATO, Juliana Francisca et al. **Brief version of the CAMCOG for illiterate older adults with Alzheimer's dementia.** Arquivos de Neuro-Psiquiatria, v. 79, p. 864-870, 2021.

RESENDE, Elisa de Paula França et al. **Influências da educação e de doenças neurodegenerativas sobre as relações entre a memória episódica e seus correlatos neurais.** 2019.



# REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, SAÚDE E BEM ESTAR

FACULDADE SANTO AGOSTINHO DE ITABUNA

## Profissionais médicos negros no Brasil: obstáculos e desafios

Black medical professionals in Brazil: obstacles and challenges

Évelin Santos Oliveira<sup>1\*</sup>

<sup>1</sup>Docente do curso de medicina, Faculdades Santo Agostinho, FASA, Itabuna, Bahia, Brasil.

\*Autora correspondente: [evelin.oliveira@itabuna.fasa.edu.br](mailto:evelin.oliveira@itabuna.fasa.edu.br)

### RESUMO

O período escravocrata teve influência na estrutura social no Brasil. Pós-abolição os negros não tiveram nenhum plano de ação para inserção no mercado de trabalho. O difícil acesso à educação foi crucial para que os negros permanecessem sem muitas oportunidades de mobilidade educacional e social. Aos profissionais da área da saúde ainda se depara com o racismo institucional. Questiona-se, portanto, onde estão os profissionais médicos negros no Brasil? O objetivo do estudo foi discutir sobre as dificuldades enfrentadas pelos profissionais médicos negros e identificar ações mitigadoras do problema enfrentado no trabalho. Para fundamentar a discussão, apresentam-se debates teóricos e perspectivas de mudanças para o problema do racismo enfrentado pelos negros na medicina no Brasil. A invisibilidade destes profissionais é um dos pontos retratados, bem como a falta de estrutura no ambiente familiar e acadêmico. O racismo enfrentado é discutido como um dos pontos que fragilizam o indivíduo no campo profissional e na graduação, influenciando inclusive na autoestima do negro que se dispõe a atuar na área médica. Algumas ações vêm sendo idealizadas a fim de deixar mais próximo os médicos negros e seus pacientes, como o desenvolvimento de plataformas voltadas para o acesso de pacientes a profissionais médicos negros e especialistas voltados para doenças de maior ocorrência na assistência integral à saúde negra. São necessárias políticas públicas

capazes de criar condições igualitárias na formação do profissional médico, com acesso ao ensino de qualidade e a luta dos professores e gestores quanto ao racismo reproduzido no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Medicina; Racismo institucional; População negra.

## **ABSTRACT**

The period of slavery had an influence on the social structure in Brazil. Post-abolition, blacks had no plan of action for insertion in the labor market. Difficult access to education was crucial for blacks to remain without many opportunities for educational and social mobility. Health professionals are still faced with institutional racism. The question is, therefore, where are the black medical professionals in Brazil? The objective of the study was to discuss the difficulties faced by black doctors and to identify mitigating actions for the problem faced at work. To support the discussion, theoretical debates and perspectives for changes to the problem of racism faced by blacks in medicine in Brazil are presented. The invisibility of these professionals is one of the points portrayed, as well as the lack of structure in the family and academic environment. The racism faced is discussed as one of the points that weaken the individual in the professional field and in adolescence, even influencing the self-esteem of black people who are willing to work in the medical field. Some actions have been devised in order to bring black doctors and their patients closer together, such as the development of platforms addressed for patient access to black medical professionals and specialists for referrals for the most common diseases in comprehensive black health care. Public policies capable of creating equal conditions in the training of medical professionals are needed, with access to quality education and the struggle of teachers and managers regarding the racism reproduced in the school environment.

**Keywords:** Medicine; Institutional racism; Black population.

## **Introdução**

A herança decorrente do longo período de colonização europeia e o histórico do período escravocrata, sendo o Brasil o último país a acabar com o regime opressor e áspero aos povos negros, teve importante influência na estrutura social no Brasil. Mesmo após mais de cem anos do que foi chamado de abolição da escravatura, permanece difícil a população negra ascender economicamente no país (LIMA, 2016; MATOS, 2007).

Pós-abolição os negros não tiveram nenhum plano de ação ou projeto para que essas pessoas fossem inseridas na sociedade, no mercado de trabalho e tendo seus direitos respeitados. O fruto disso se estende até hoje com a formação das favelas, sendo a maioria dos seus residentes, pessoas pretas ou pardas e em situação de

vulnerabilidade econômica e social (ROLNIK, 1999; ZALUAR, 2006). Além disso, o difícil acesso à educação foi crucial para que os negros permanecessem na posição de marginalização, sem muitas oportunidades de mobilidade educacional e social (OLIVEIRA et al., 2022). Dessa forma, o Brasil foi se desenvolvendo com exclusão/segregação da população negra e dessa forma, o racismo foi estruturado ao longo dos anos até nos dias atuais.

Aos profissionais da área da saúde ainda se depara com o racismo institucional, num sistema de desigualdade devido à sua cor, cultura ou origem étnica (LÓPEZ, 2012). O racismo institucional atua propalado no funcionamento rotineiro de instituições e organizações da área da saúde, provocando desigualdade na distribuição de serviços, benefícios e oportunidades do ponto de vista racial.

Desde a formação escolar, jovens negros e negras já se deparam com a difícil realidade. Segundo dados da PNAD divulgados pelo IBGE (2019), 10 milhões de jovens brasileiros entre 14 a 19 anos não concluíram o ensino médio e não frequentam as escolas, sendo destes, 72% são pretos e pardos (7,2 milhões) (IBGE, 2019).

Questiona-se, portanto, onde estão os profissionais médicos negros no Brasil? O objetivo do presente estudo foi discutir sobre as dificuldades enfrentadas pelos profissionais médicos ou estudantes de medicina negros e identificar ações que possam mitigar o problema enfrentado no ambiente de trabalho ou acadêmico. Para fundamentar a discussão, na primeira seção apresenta-se o debate teórico que nos permite observar os obstáculos enfrentados profissionais médicos, além dos estudantes que cursam medicina. Na seção seguinte, apresentamos perspectivas de mudanças através de ações voltadas para conter o racismo enfrentado pelos negros e negras rotineiramente no ambiente de trabalho na saúde ou no ambiente acadêmico.

### **Obstáculos e desafios enfrentados por médicas e médicos negros no mercado de trabalho**

Muito se discute a relação da invisibilidade destes profissionais no mercado de trabalho. E quando estes estão dentro de instituições de saúde, poucos ocupam cargos de liderança.

Esse questionamento deve iniciar desde a formação desses profissionais. Os cursos de medicina nas faculdades particulares possuem custo elevado e acaba

segregando aos que já vêm de uma estrutura social e econômica alta (CORREIO, 2022). Os programas de financiamento estudantil e programas de bolsas foi uma forma de atender às necessidades dos futuros médicos para custear as mensalidades nas faculdades particulares. O obstáculo nesses casos pode acontecer devido falta de estrutura na residência, o que pode impactar no aprendizado dos candidatos que fazem a prova seletiva para ingresso nas instituições de ensino superior. Exemplifica-se expondo a falta de espaço adequado para estudo, dificuldade de acesso à internet e/ou aparelho para assistir as aulas. Dentre os esses estudantes com dificuldades quanto ao ambiente e materiais para estudo (renda média ou baixa), 74% são negros, enquanto que os brancos representam 20% (IBGE, 2019; MURÇA, 2020).

Nas universidades públicas, a problemática é diferente. Apesar da gratuidade nas mensalidades, a forma de ingresso favorece a inserção de estudantes com maior pontuação nas provas seletivas. Porém, observa-se que a precariedade do ensino público fundamental e médio no Brasil dificulta o acesso aos cursos superiores pelos estudantes de renda familiar baixa (CARVALHO, 2021; ÉPOCA, 2015) em muitos locais e, portanto, alunos provenientes de escolas particulares podem apresentar melhores condições de ensino e preparo para a entrada no curso de medicina nas universidades públicas. Mesmo sem o custo da mensalidade, as universidades públicas ainda não oferecem serviços equânimes em relação a raça/cor e renda.

Após o ingresso ao curso de medicina, mais desafios. Geralmente pela carga horária elevada, os cursos de medicina possuem turno integral de atividades, por conseguinte, a disposição de tempo para o curso pode impactar nos custos dessas famílias. Em muitos lares, o jovem é mais um reforço de trabalho e remuneração para aumento da renda familiar. Outro fator importante a ser destacado são as despesas com a mobilidade, aulas externas, alimentação, custos de material e/ou equipamento, acesso à internet, dentre outros gastos que fazem parte do investimento em se tornar um médico ou uma médica.

Esses obstáculos são apresentados em forma de números. Pessoas pretas e pardas que ingressaram no ensino superior aumentou entre 2010 e 2019, porém os negros não atingem mais de 30% das vagas em cursos como medicina (COEXISTIR, 2022). Esses dados refletem o abandono gerado do poder público e da sociedade aos jovens pretos e pardos que muitas vezes nem sonham com a oportunidade de exercer algumas profissões por não se observar ou crer que não pode fazer parte de alguns

ambientes. Essa é uma das marcas deixadas pela exclusão racial e que marcam de forma profunda a autoestima dos negros no Brasil. Trazer a ressignificação aos jovens negros e negras é um papel da sociedade e da atuação política para proporcionar a igualdade, equidade e justiça.

### **Racismo estrutural e institucional**

O racismo estrutural e institucional ainda é um agravante na rotina dos profissionais da medicina pardos ou pretos. Ainda existe resistência da população em reconhecer dentre os negros um profissional da medicina. Os questionamentos quanto a posição, como por exemplo, técnico, atendente ou estagiário é frequente dentre aqueles usando o jaleco como vestimenta (DRAUZIO, 2022).

O racismo existe e permanece no ambiente acadêmico e profissional nos pormenores, muitas vezes não observados. Em sala de aula nos cursos de medicina, majoritariamente, alunos e professores são brancos. No atendimento, o paciente por vezes, deduz que o indivíduo médico negro é uma outra posição profissional, mesmo com vestimenta similar a médicos brancos. Pensando na sociedade brasileira, nos quais muitos médicos após sua formação irão prestar atendimento aos serviços de saúde ligados à rede pública de saúde é importante reconhecer e saber que a maioria dos seus pacientes atendidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) serão pessoas pretas ou pardas, muitas em situação de vulnerabilidade econômica. Debater a questão racial na formação médica pode auxiliar no processo de cuidado, o que atualmente pode ser invasivo e agressivo para alguns pacientes e médicos negros.

### **Respeito à diversidade**

Muitas vezes, o impedimento e a inconformidade em exercer a profissão começa na dificuldade em paramentar para iniciar o trabalho. As toucas utilizadas como Equipamentos de Proteção Individual (EPI's) são idealizadas para cabelos lisos e pouco volumosos. Muitas mulheres e homens pretos e pardos possuem cabelos volumosos, crespos, ondulados, ou ainda com tranças e penteados que denotam herança histórica utilizada para fortalecer a identidade, simbologia e resistência da cultura afro-brasileira (LIMA & BARROS, 2021).

O negro precisou conviver por anos com o chamado “cabelo ruim” como forma

de descrever o cabelo crespo. A valorização do “eu”, o empoderamento e a autoafirmação são exaltados nos penteados afros e seu reflexo é observado na autoestima da mulher e do homem negro. Por isso, se o médico ou médica ter a escolha de penteados afros como as tranças, dreads ou black power, muitas vezes precisam recorrer aos turbantes. Por se tratar de tecidos não adequados para utilização em área hospitalar, isso pode trazer desconforto a estes profissionais ou até impedimento das suas atividades laborais.

Esse é mais um dos diversos obstáculos enfrentados, a resistência para permanecer nos espaços cujos padrões não absorve a cultura afro.

### **Ações incentivadoras para mudar a realidade dos profissionais médicos negros e sua inserção no mercado de trabalho de forma justa e igualitária.**

Algumas ações vêm sendo idealizadas a fim de deixar mais próximo os médicos e médicas negros e seus pacientes. A população negra sofre com a falta de atendimento em saúde e além disso, o racismo enraizado nas diversas estruturas de serviços em saúde no Brasil agrava este problema social. A pandemia causada pela COVID-19 deixou mais evidente o descaso com a saúde da população negra no Brasil (OLIVEIRA et al., 2022) e relatos de violência obstétrica em mulheres pardas e pretas são frequentes, porém ainda subnotificados (ABRASCO, 2020).

Por consequência, muitos negros buscam por atendimentos de profissionais da saúde também negros. Uma série de plataformas voltadas para o acesso de pacientes a profissionais médicos negros vem aumentando e também especialistas voltados para doenças de maior ocorrência na assistência integral à saúde negra, como doenças de pele, anemia falciforme, hipertensão e transtornos ligados à saúde mental (AFROSAUDE, 2022).

São necessárias políticas públicas que possam criar condições mais igualitárias na formação do profissional médico, com acesso ao ensino de qualidade e a luta dos professores e gestores quanto ao racismo reproduzido no ambiente escolar.

Algumas ações têm gerado bons resultados, como as políticas de ações afirmativas, a exemplo da Lei das Cotas (Lei nº12.711/2021), uma das principais ferramentas de inserção dos jovens pretos, pardos e indígenas nos espaços acadêmicos (BRASIL, 2022). Porém, mesmo com as políticas de cotas, muitas vezes falta incentivo financeiro para continuidade do curso, além dos fatores emocionais

vivenciados durante a formação médica entre os alunos negros participantes da Lei de Cotas.

A educação de qualidade e a formação do profissional médico, bem como outras profissões pode ser um meio para o fortalecimento da representação negra nos diversos espaços profissionais, no enfrentamento do racismo e na implementação de programas, ações e/ou políticas públicas.

A criação de espaços onde os pacientes negros podem optar por profissionais negros representa a consequência de atendimentos traumatizantes para estes indivíduos. Médicas e médicos, pretos e pardos podem ressignificar o contato com o paciente, quando este se sente acolhido por um profissional também negro. As lacunas emocionais influenciam nos padrões impostos em muitas sociedades e talvez, seja mais difícil para um profissional que não conhece tais particularidades ter empatia e conhecimento para lidar com múltiplas questões ligadas ao bem-estar físico e emocional do seu paciente.

Uma outra estratégia que pode ser eficaz é a capacitação e oportunidade de diálogo na formação de coletivos de apoio dentro da medicina, tanto durante a formação do profissional quanto nas unidades de saúde. O apoio mútuo, espaços de discussões com abordagens de questões negligenciadas sobre assuntos relacionados a saúde da população negra, racismo e a formação médica. A identificação de barreiras enfrentadas quanto às questões sociais, econômicas e relacionadas a saúde mental pode ser um norteador para propor e realizar ações que modifiquem o cenário atual.

## **Considerações finais**

Para a desconstrução de um sistema que torna invisibilizado ou inacessível o profissional médico negro é preciso a implementação e ações realistas e direcionadas de políticas públicas que provoquem a reflexão para um processo de desracialização, sendo necessário o debate acadêmico para fragmentar e romper com os mecanismos que diminuem e fragilizam o profissional sob um olhar racial. Dessa forma, surge a necessidade de estudos voltados para abordagem etnográfica que permitam a reflexão e discussão desde as instituições de ensino superior dos cursos de medicina aos ambientes de trabalhos destes profissionais médicos.

## REFERÊNCIAS

ABRASCO. **Mulheres negras sofrem mais violência obstétrica. Publicado em 06 de março de 2020.** Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/8m-mulheres-negras-sofrem-mais-violencia-obstetrica/45463/> . Acesso em 20 de outubro de 2022.

AFROSAUDE. **Consultas com profissionais negros de todo Brasil.** Disponível em: <https://afrosaude.com.br/home> . Acesso em 18 de outubro de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Em três anos, Lei de Cotas tem metas atingidas antes do prazo.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35544-lei-de-cotas>>. Acesso em 20 de outubro de 2022.

COEXISTIR. **Profissionais de saúde negros usam carreira para cuidar da população negra.** Disponível em: <https://coexistir.com.br/profissionais-de-saude-negros-usam-carreira-para-cuidar-da-populacao-negra/> Acesso em 20 de outubro de 2022.

CORREIO. **Formar em Medicina na Bahia pode custar quase 1 milhão.** Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/formar-em-medicina-na-bahia-pode-custar-quase-r-1-milhao/> Acesso em 19 de outubro de 2022.

DRAUZIO. **Onde estão os médicos negros?** Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/saude-publica/onde-estao-os-medicos-negros/> Acesso em 19 de outubro de 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Principais destaques da evolução do mercado de trabalho no Brasil 2012-2019, ano de publicação 2019.** Disponível em: [https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Nacional\\_por\\_Amostra\\_de\\_](https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_)

Domicilios\_continua/Principais\_destaquês\_PNAD\_continua/2012\_2019/  
PNAD\_continua\_retrospectiva\_2012\_2019.pdf Acesso em 20 de outubro de 2022.

LIMA, Gabriele; BARROS, Larissa. **Tranças africanas: herança histórica usada como identidade e resistência.** Publicado em 05 de julho de 2021. Disponível em <https://labdicasjornalismo.com/noticia/8190/trancas-africanas-heranca-historica-usada-como-identidade-e-resistencia> Acesso em 19 de outubro de 2022.

LIMA, Miguel. **A trajetória do negro no Brasil e a importância da cultura afro.** v. 20, 2016

LÓPEX, Cecília. **O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde.** *Interface.* V.16 (40), 2012.

MATTOS, Regiane A. **História e cultura afro-brasileira.** Contexto: São Paulo, 2007.

MURÇA, Giovana. **Por que os estudantes negros são os mais afetados pela pandemia?** Revista eletrônica Quero. Publicação em 20 de novembro de 2020. Disponível em <https://querobolsa.com.br/revista/por-que-os-estudantes-negros-sao-os-mais-afetados-pela-pandemia> Acesso em 18 de outubro de 2022.

OLIVEIRA, Evelin Santos; SILVA, Jacqueline Brito Moreira; NERY, Joilda Silva. Capítulo: **COVID-19 ou inadequada Gestão Pública: O que mais afeta a população negra do Brasil?** Livro: *Enfrentamento da Covid-19 e seus desdobramentos sobre a saúde pública.* (org.) Rita Terezinha de Oliveira Carneiro. Aracajú: Backup Books Editora, 2022.

CARVALHO, Raizza Adrielly Silva. **A precarização do ensino público.** Revista Panorâmica – ISSN 2238-9210 - V. 33 – Maio/Ago. 2021.

ROLNIK, Raquel. **Exclusão Territorial e Violência.** São Paulo: Pólis, 1999.

ZALUAR, Alba. **Um século de Favela.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas,

2006.